



Instituto de
Inclusão no
Ensino Superior
e na Pesquisa

INCT-Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia

CADERNOS DE INCLUSÃO

12

A Escolhida pelos Espíritos da Floresta Memorial de
Mapulu Kamayurá

José Jorge de Carvalho

CADERNOS DE INCLUSÃO

Publicação do Instituto Nacional de
Ciência e Tecnologia de Inclusão no
Ensino Superior e na Pesquisa
INCTI/UnB/CNPq
V.6 N.12. dezembro 2020

Editorial

Coordenação Geral: José Jorge de Carvalho

Coordenação Editorial: Letícia C.R. Vianna

Assistência Executiva – (edição virtual): Samita Ilê M. Campos de Souza

Editor: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino
Superior e na Pesquisa. INCTI/UnB/CNPq

Universidade de Brasília - Instituto Central de Ciências – ICC Sul, lado A,
Sala BSS 135/138. Campus Universitário Darcy Ribeiro. Brasília DF. CEP.
70.919-970

ISSN 2965-6311

Cadernos de Inclusão 12

V6. N.12 dezembro 2020

A Escolhida pelos Espíritos da Floresta Memorial de
Mapulu Kamayurá

Brasília
2020

A Escolhida pelos Espíritos da Floresta

Memorial de Mapulu Kamayurá

José Jorge de Carvalho¹

Mapulu Kamayurá nasceu em 23/06/1969, em Ipavu, uma das aldeias dos indígenas Kamayurá, que são uma das catorze nações indígenas que habitam o Parque Nacional do Xingu, região de floresta amazônica no estado de Mato Grosso, na região Centro-Oeste do Brasil. O Parque foi criado em 1961 e foi demarcado finalmente em 1978 com o perímetro 2.642.003 hectares, do tamanho da Bélgica, configurando-se provavelmente como o maior território contínuo de povos indígenas de todo o mundo. Mapulu vive no Alto Xingu, onde co-habitam onze nações, falando onze línguas pertencentes a três famílias linguísticas diferentes: Kamayurá e Kaiabi (família Tupi); Mehináku, Waurá e Yawalapiti (família Aruak); Kalápaló, Kuikuro, Matipu e Nahukuá (família Karib); e Trumai (língua isolada, sem família conhecida).

Quando nasceu recebeu o nome de Apumi. Aos 12 anos, quando teve a primeira menstruação e foi recolhida por um ano inteiro no fundo da maloca para a iniciação pela qual passam todas as mulheres Kamayurá, recebeu seu segundo nome, pelo qual é conhecida até hoje: Mapulu.

O Parque Nacional do Xingu é simultaneamente um gigantesco território de imensa diversidade cultural e linguística e ao mesmo tempo com uma rica biodiversidade em uma região de transição ecológica, com savanas e florestas de várzea, cerrados e campos ao sul e densa floresta amazônica ao norte. O Parque é hoje um gigantesco santuário ecológico, com suas matas, campos, fauna, flora e rios inteiramente preservados, e agora cercado de plantações de soja, em vastas fazendas onde a floresta foi devastada. Visto de cima de um avião, o limite do Parque exibe com plena nitidez o contraste entre os dois modelos de vida que neste momento disputam o futuro do planeta. Dentro do Parque, onde vivem os indígenas, a natureza é preservada durante séculos, tal como foi atestada no início do séc. XVII, quando a sua região foi visitada e mapeada por expedições de brancos, em sua maioria europeus; e do lado de fora do Parque, o desmatamento avança a cada ano, transformando

¹ Coordenador do INCTI, professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

a reserva indígena em uma gigantesca ilha verde de terra cercada de pastos e da monocultura, ambos de biodiversidade empobrecida e expressão emblemática da tecnologia desumana do agronegócio que tornou-se o modelo predominante de agricultura apoiada pelo Estado no Brasil.

A vida de Mapulu representa os desafios e as transformações sofridas pelo Parque do Xingu e pelas nações indígenas que neles habitam. Quando ela nasceu, a floresta estava intacta em todo o Mato Grosso e o trânsito das cidades da região até a sua aldeia era extremamente difícil, implicando em viagem de canoa durante vários dias. Depois de adulta, na medida em que sua família crescia e seus poderes de pajé se consolidavam, o trânsito às cidades circundantes do Parque foi crescendo, suas visitas ao mundo dos brancos, ou não-indígenas, ficaram mais frequentes e ela foi se convertendo naquilo que hoje ela apresenta de modo magistral: uma pessoa intercultural, que tem como missão estabelecer uma mediação entre o mundo indígena e o mundo branco ocidental, especialmente com suas habilidades de cura (tanto física quanto espiritual), de ensino e de liderança política.

Durante o ano em que passou de reclusão, a jovem Kamayurá fica “presa”, como diz Mapulu, em uma área no fundo da maloca, reservada e protegida de olhares externos por um pano, com restrições alimentares, resguardo de sexo, sem sequer tomar banho na lagoa, e cuidados corporais definidos e controlados por sua mãe e outras mulheres mais velhas. Foi nesse ano de reclusão que ela aprendeu de sua mãe Kurimatá várias habilidades técnicas e artísticas próprias das mulheres Kamayurá e xinguanas em geral: sabe confeccionar uma rede de dormir, com seus belos desenhos de linha colorida; cestas de tamanhos e formatos diversos; esteiras de fibra de bambu; *kuño* (pequena cesta em forma de calota) de pegar peixinhos; e pulseiras de miçangas, um dos artesanatos dos indígenas mais desejados e valorizados pelos brancos brasileiros. Sabe também cuidar da roça e plantar os alimentos essenciais da dieta indígena, tais como mandioca, melancia, amendoim; e sabe cozinhar peixe, sopa de pimenta e fazer o beiju de mandioca, itens básicos da dieta dos xinguanos.

Além disso, Mapulu conhece os repertórios completos dos cantos de vários rituais Kamayurá, e é exímia cantora principalmente do *Iamurikumã*, o ritual de iniciação feminina do Xingu. Outra marca de seu talento é na contação de histórias e de mitos, dos quais conhece todos os que são acessíveis às mulheres e conta-os com mestria de quem narra e que domina a expressão da língua Kamayurá como uma mestra narradora.

Paralelamente, enquanto crescia após sair do resguardo e viver sua vida de casada, Mapulu foi acompanhando, observando e aprendendo com o pai a arte e a ciência do pajé. De fato, ela vem de uma linhagem famosa de pajés do Xingu. Seu pai Takumã, que viveu mais de 80 anos, falecido do

dia 25 de agosto de 2014, é lembrado como o maior pajé da história do Xingu; e seu tio Sapaim, irmão de Takumã, falecido em 23 de setembro em 2017, foi talvez o pajé mais conhecido no Brasil, por ter vivido por muitos anos fora do Parque, com residências sucessivas em Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Canarana. Pela sua mobilidade maior, Sapaim tornou a atividade de pajé indígena mais conhecida pela sociedade brasileira não-indígena e mesmo fora do Brasil, com suas viagens a vários países.

Vale ressaltar que a biografia de Mapulu se articula e mesmo se confunde com a história da criação do Parque do Xingu, o maior território indígena protegido do mundo. Seu pai Takumã foi o primeiro a entrar em contato com os irmãos Villas Boas, que no início dos anos 50 do século passado foram os primeiros brancos a entrar em contato com os Kamayurá em nome do Estado Brasileiro. Takumã os recebeu e os acompanhou; e como foi um dos primeiros indígenas do Xingu a aprender o português, foi o intérprete dos brancos nas expedições de contato e de pacificação das guerras intertribais, que uma vez suspensas permitiram a concretização da demarcação de um território contínuo na floresta amazônica na qual pudessem viver 14 nações indígenas, cada qual falando sua língua e preservando suas instituições próprias, em um regime econômico e político de trocas materiais e cerimoniais, tornando-se um modelo de comunidade de nações. Mapulu tinha apenas nove anos quando o Parque do Xingu foi finalmente demarcado e desde criança escutou as histórias do pai acerca das negociações de pacificação dos indígenas, com os brancos e dos indígenas entre si, aprendendo a sabedoria diplomática fundamental para administrar os conflitos e usufruir de um modo de vida compartilhado e ao mesmo tempo autônomo e auto-sustentável.

Sua iniciação como pajé se deu aos quinze anos, logo após seu casamento, tendo seguido a linhagem do seu pai. Diferente dos demais pajés, que foram aprendizes de outro mestre pajé, Takumã foi iniciado diretamente pelos espíritos da floresta, os *mamaés*, e muito especialmente por um deles chamado Anhangü. Desde nova, Mapulu observava a relação de seu pai com esse espírito. Um dia, aos quinze anos, começou a passar mal, com sintomas estranhos e inexplicáveis, interpretados mais tarde como uma aproximação de *Anhangü* que a tomou para que ela também se tornasse sua representante – em outras palavras, para que ela também se tornasse pajé iniciada por ele mesmo. Seu pai resistiu à ideia de que ela se iniciasse como pajé, porém o espírito avisou que, caso ela recusasse, ela morreria. Mapulu passou mais de dois meses reclusa, com perturbações fisiológicas várias, em uma condição que a ciência ocidental pode chamar de estado alterado de consciência, incluindo transe, visões, sonhos, audição de vozes, surtos, desmaios, instruções acerca de vários procedimentos de diagnóstico, escutas e procedimentos de cura.

Enquanto seu pai resistia a aceitar o chamado espiritual de uma jovem que se dispunha a iniciar o caminho sem precedentes de tornar-se uma mulher pajé, seu tio Sapaim, influente e poderoso como Takumã, apoiou-a e insistiu com o irmão para que cedesse, e este finalmente entregou a Mapulu seu primeiro cigarro de pajé, chamado *petym*, feito de uma variedade fortíssima de tabaco, várias vezes mais tóxico que o comum fumo de rolo. O *petym* é tão forte que Mapulu desmaiou seguidamente, por um longo tempo, até conseguir aguentar o seu efeito. A partir daquele momento, seguiram-se um ano e seis meses de um novo ciclo de reclusão e iniciação, com mais tabus alimentares e jejum sexual, provação dura, como ela mesma conta, para uma adolescente de quinze anos recém-casada. Por anos, a partir daquele momento, Mapulu acompanhava o pai como aprendiz em suas jornadas de cura, aprendendo minuciosamente as regras e os procedimentos espirituais e práticos da arte e da ciência de um pajé. Aprendia também com o tio Sapaim, cuja fama e influência ultrapassava cada vez mais o espaço xinguano e chegava até o mundo dos brancos. É possível considerar que Sapaim foi um dos primeiros indígenas no Brasil que instituiu a cura pela pajelança como um ofício respeitável e eficaz, fazendo superar os preconceitos e mesmo a atitude pejorativa, própria do racismo estrutural da sociedade branca brasileira, contra a medicina indígena.

Sapaim e Takumã viajaram para o Marrocos como expoentes da ciência brasileira dos pajés e Takumã contou da sua reação diante do frio de Nova York, cidade por onde também passou. Se os dois foram desbravadores da apresentação positiva e do reconhecimento do ofício de pajé na sociedade brasileira, Mapulu herdou esse reconhecimento e ampliou-o para uma dimensão inédita: a condição de pajé feminina.

Ao mesmo tempo que absorvia a ciência e arte da pajelança com o pai e o tio, Mapulu aprendia com a mãe a ciência e arte do partejar. Ela é chamada constantemente para fazer partos, contando com recursos adicionais em relação às parteiras comuns, pois pode detectar perturbações espirituais também. Assim, a condição feminina permitiu a Mapulu uma ampliação do papel do pajé para um(a) profissional da cura e do cuidado que os pajés até então não haviam podido alcançar: a combinação de pajé e de parteira. E na medida em que ela sabe das plantas medicinais, tanto através das instruções que recebeu do pai quanto do que aprende mais intimamente com o marido Raul, considerado um dos maiores raizeiros do Xingu, ela transita pelas três esferas, o que a coloca na condição de uma curandeira sem igual: conhece o ofício de pajé, o de raizeira e o de parteira (ofício interdito aos homens, com raríssimas exceções).

Embora Mapulu exercite alternadamente o ofício de pajé e o ofício de parteira, as duas atividades estiveram historicamente marcadas por uma clivagem de gênero: o ofício de parteira é um

saber feminino, e o de pajé, masculino; o partejar lida com sangue, enquanto a prática da pajelança não pode admitir sangue nem remédios, por trata-se de uma relação exclusiva com os espíritos.

Mapulu recuperou uma dimensão importantíssima do saber dos homens indígenas relacionados ao complexo científico, cultural e terapêutico da pajelança, em ato político de grandes consequências, que a coloca em um lugar de uma feminista entre os povos tradicionais.

Sua ascensão como pajé coincidiu também com a crescente mobilidade dos xinguanos em direção às cidades de entorno do Parque, especialmente com Canarana, cidade frequentada por um grande número de indígenas. Uma vez consolidada seu saber como pajé, mais e mais Mapulu passou a ser chamada para realizar trabalhos de reza e cura, não somente nas aldeias indígenas do Parque, mas além dele, e realizou curas que já se tornaram famosas entre os Tapirapé e os Karajá, ambas aldeias muito distantes do imenso território em que ela vive. Passou a atuar também em Canarana, primeiro para indígenas residentes na cidade e depois também para brancos ocidentais que conformam a maioria da população urbana.

Ao curar os brancos, Mapulu teve inevitavelmente que começar a interagir com o sistema nacional de saúde, com a medicina ocidental, com os protocolos e regras dos centros de saúde e dos hospitais e com a prática e os saberes dos diversos profissionais da área (médicos, enfermeiras, fisioterapeutas, e até psiquiatras). Takumã exercia sua pajelança principalmente nas aldeias, enquanto Sapaím foi pajé também nas cidades, tendo criado sua própria unidade terapêutica à moda de uma clínica, operando, porém, com distância e independência das instituições de saúde dos brancos. Por outro lado, como pajé que transita entre mundos, Mapulu entrou em clínicas e hospitais atendendo a chamados de indígenas e não indígenas para curar pacientes padecendo de doenças que os tratamentos da medicina hegemônica não estavam oferecendo solução, a ponto de desengano percebido pelos familiares das pessoas internadas.

Mapulu teve vários sucessos e também vários conflitos com médicos do hospital de Canarana. Um ponto de inflexão de sua atuação no território da medicina dos brancos foi quando a chamaram para curar um menino que se encontrava na UTI, incapacitado de mexer-se. Após consultar os mães, eles a instruíram a retirá-lo do hospital, para que ela pudesse efetuar o seu tratamento na sua própria casa. Previsivelmente, a médica não autorizou a saída da criança da UTI. Mapulu ficou irredutível na sua decisão de tirá-lo e após um longo embate entre a médica e a família da criança, esta decidiu acatar a decisão de Mapulu levar o menino para sua casa para receber o tratamento de

Mapulu, enfrentando a fúria da médica que declarou retirar qualquer responsabilidade acerca de uma muito provável morte da criança.

Após dias de intenso trabalho de pajelança, a criança retomou a mobilidade do corpo até que finalmente começou a recuperar os movimentos e dias depois voltou a andar. Quando regressaram com a criança para o hospital a médica, apesar de atônita, admitiu que a partir de então Mapulu poderia fumar o seu cigarro de pajé (tabaco fortíssimo, lembremos) dentro do hospital para curar seus pacientes.

Apesar de haver conquistado o respeito dos médicos do hospital de Canarana, Mapulu reconhece as diferenças e eficácia relativas dos dois sistemas de saúde. De fato, ela atua sempre seguindo o que chama de modelo Takumã de cura. Tal como o famoso pajé propunha, quando um indígena chega até Mapulu com alguma queixa de saúde, ela procura primeiro identificar se se trata de um problema espiritual, e caso seja, poderá recomendar a cura apenas pela pajelança. Se identificar alguma doença do corpo que pareça curável pela medicina indígena, Mapulu recomendará o tratamento com ervas e transferirá o paciente para seu esposo Raul, raizeiro respeitado em todo o Alto Xingu, que identificará as plantas e confeccionará o remédio específico para a cura daquela pessoa. Contudo, se ela identificar a presença de uma doença fora do saber do pajé ou do raizeiro, encaminhará o paciente para o Posto de Saúde Leonardo do Alto Xingu ou para o hospital da cidade mais próxima, para se consultar com um médico.

A articulação desses três sistemas de cura proposta por Takumã realizou-se mais plenamente com o trabalho de Mapulu, que pode ser definido como um modelo intercultural de tratamento das doenças. O projeto atual de Mapulu é instalar uma casa em Canarana como centro de saúde indígena, na qual ela atenda doenças espirituais com suas habilidades de pajé, contando com a assistência da sua filha Mapuálu, que já é uma pajé igualmente experiente e respeitada. Se a doença tiver alcançado o corpo do paciente, Raul intervirá prescrevendo os remédios com ervas. Obviamente, esse centro de saúde funcionará em articulação com o hospital da cidade. Para esse fim, ela está aguardando a confirmação do prefeito da cidade, que prometeu lhe doar um terreno, ou uma pequena casa para ela iniciar as atividades do centro. Se a promessa se concretizar, Mapuálu cuidará da casa constantemente, e ela ou Raul virão da aldeia Ipawu a cada vez que seus ofícios forem requisitados. Sua visão e sua prática, portanto, são de uma mediadora entre os dois mundos, realizando finalmente a proposta do seu pai e dando um passo adiante do trabalho do seu tio, que construiu o seu centro de cura sem articulação com a medicina ocidental.

Outra visão estratégica de Mapulu tem sido a valorização do ofício de pajé no Xingu. Em 2013, ela organizou o primeiro Encontro de Pajés do Alto Xingu, que congregou pajés de sete etnias, raizeiros e também parteiras. O objetivo foi criar um espaço de trocas de técnicas e experiências, como um modo de estimular mais jovens, homens e mulheres, a iniciar-se no ofício de pajé. Este Primeiro Encontro, ao qual tive o privilégio de assistir, foi documentado pelo INCT de Inclusão: cada pajé falou no seu idioma, com tradução simultânea, às vezes para três idiomas. Em 2018, Mapulu realizou o Segundo Encontro de Pajés na aldeia Kamayurá Ipawu e já programou realizar o Terceiro Encontro neste ano de 2020, o que infelizmente deverá ser adiado devido à pandemia do Covid-19 que já chegou às aldeias xinguanas.

Além dos ofícios de pajé e de parteira e de organizar os primeiros encontros de Pajés da história do Xingú, Mapulu tem desenvolvido também um papel de liderança feminina e organizado uma associação de mulheres do Xingu, trabalho igualmente inédito e revolucionário. Tal como tem sido registrado seguidamente pelos pesquisadores, uma característica comum a todas as etnias do Alto Xingú tem sido a timidez e o recato das mulheres, principalmente quando se encontram fora do seu espaço interno da maloca. Ela vem estimulando o protagonismo feminino em uma escala sem precedentes, ao iniciar pajés mulheres em inúmeras aldeias e etnias, e atualmente através da Associação Hiulaya, por ela fundada em 2018. Mapulu está incentivando as mulheres a se organizarem em torno dos seus saberes e das suas áreas exclusivas de atuação e poderem assim formular um projeto para as suas comunidades, prescindindo dos intermediários.

Ao formar uma linhagem de pajés mulheres, Mapulu duplica o quadro de defensores da floresta, que até agora se definia como uma tarefa exclusivamente masculina. A atividade do pajé (e agora também da pajé) entrelaçada inseparavelmente da preservação da floresta. O *petym*, tabaco especial do pajé, só é encontrado no meio do mato, longe da aldeia; e é também no mato que habitam os *mamaés*, como Anhangu. A reprodução e a continuidade do ofício dos pajés dependem da continuidade e da reprodução da floresta, espaço das plantas medicinais e dos espíritos que fazem parte do mundo dos indígenas do Parque.

Mapulu resumiu essa vinculação da atividade de pajé com a preservação da natureza em uma fala durante o II Encontro de Pajés:

“Minha preocupação, muita machuca meu coração. Eu não consigo dormir porque tá na preocupação. Como é que minha neta, meu povo vai né? Se o pessoal desmata muito e o fazendeiro for entrar muito e acabar a terra... E depois? Onde que os *mamaé* vai? Onde que o espiritual vai? Vai acabar. Cada

árvore tem dono, tem *mamaé*. Tudo que a gente olha, a água também tem dono. Se você vai matar sucuri, piranha grande, o rio seca, porque quem cuida essa bacia que o pessoal fala [do rio], é pajé.”

A mensagem subjacente à fala de Mapulu é de que é praticamente impossível relacionar-se de modo respeitoso, não destrutivo e sustentável com a floresta sem tomar em conta a variedade de formas de vida que nela se manifesta, incluindo os espíritos. São eles que colocam um limite à predação, ao desmatamento, porque apontam para a dimensão sagrada da natureza. Na sua função de pajé, Mapulu é uma embaixatriz do mundo da floresta na sociedade não-indígena, capitalista. Os *mamaés* lhe ajudam a curar os seres humanos adoecidos e para isso lhe concedem poderes especiais e extraordinários, tais como telepatia, precognição, clarividência, percepção direta dos invisíveis, comunicação com plantas e animais, controle dos fenômenos naturais. Essa cura dos seres humanos é a defesa da floresta contra os impulsos destrutivos que manifestamos contra nós mesmos, contra os outros e contra o meio ambiente.

Além de trabalhar para a inserção da mulher na tradição espiritual e de cura xinguanas, (e também das de outras aldeias fora do Parque) Mapulu promove também a inserção das mulheres xinguanas no movimento feminista indígena brasileiro em escala nacional. A Associação Hiulaya avança politicamente em duas áreas simultâneas: por um lado, um novo protagonismo e poder decisório das mulheres frente aos homens xinguanos (maridos, pais, tios, irmãos); por outro lado, passa para elas o controle da gestão e o poder decisório da execução dos projetos, possibilitando em algumas situações restringir o acesso, e em outras até mesmo prescindir, dos intermediários brancos ligados às ONGs que executam projetos na área do Parque do Xingu, e de cuja atuação Mapulu tem se tornado cada vez mais crítica.

A história de vida de Mapulu como uma defensora da floresta amazônica é a história da expansão crescente da consciência, em uma espiral ascendente que se abre neste momento da história da humanidade, para um número ainda relativamente pequeno de sábios e sábias dos povos tradicionais, em especial para aqueles que vivem nas regiões do planeta mais distantes da chamada civilização mundial, que é apenas outro nome para a sociedade capitalista globalizada.

Primeiramente, Mapulu adquiriu na infância a consciência da sua condição de indígena, a saber, de quem participa da nação Kamayurá, formada por habitantes da floresta amazônica muito antes da chegada dos brancos europeus nas Américas. Logo, tal como aprendeu de Takumã, toma consciência e do significado dos *mamaés* que habitam a floresta e a natureza em geral. Ao mesmo tempo, passa a ser mulher conhecedora das tradições femininas Kamayurá e xinguanas e se torna

parteira, ofício herdado da mãe. Um passo adiante, é conhecedora da ciência e da arte dos pajés, ofício herdado do pai; mais adiante, é fundadora de uma linhagem de pajés femininas e modelo para as jovens xinguanas, que cada vez mais se predispõem à iniciação no difícil e árduo mundo da pajelança; mais um passo, e reconhece a importância de estabelecer pontes e parcerias com a sociedade dos brancos e se engaja na tarefa política de formar a Associação Hiulaya para captar recursos para a nação Kamayurá e para o Parque Xingu como um todo. Além da Associação para os Kamayurá, toma consciência da excessiva subalternidade e inferiorização política das mulheres xinguanas frente aos homens e cria um movimento de mulheres xinguanas de todas as Nações do Parque, o qual neste momento se coloca na vanguarda do feminismo indígena brasileiro.

Mapulu é reconhecida cada vez mais como pajé, liderança política, feminista indígena e mestra de saberes. Em 2010, ela deu a conferência de abertura do Congresso Internacional Encontro de Saberes, na Universidade de Brasília, evento organizado pelo Ministério da Cultura e pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI) do CNPq. Provavelmente pela primeira vez na história das universidades brasileiras, uma mulher indígena proferiu a conferência inaugural em um evento internacional, falando no seu idioma com tradução simultânea para o português feita pelo seu sobrinho Marcelo Kamayurá. Sua participação naquele congresso significou uma ruptura positiva como marco na transformação do padrão eurocêntrico, excludente e patriarcal que caracterizou as universidades brasileiras desde sua origem.

Para celebrar o seu lugar de destaque na inauguração do movimento Encontro dos Saberes, que já se expandiu por várias universidades brasileiras, sul-americanas e europeias, a foto de Mapulu está colocada no painel de entrada da biblioteca do INCT de Inclusão na UnB.

Mapulu foi também escolhida como uma das 13 avós de vários povos tradicionais do mundo que se apresentaram no famoso Encontro do Conselho Internacional das 13 Avós Nativas, na sua edição realizada em Brasília em outubro de 2011.

Em novembro de 2018 ela recebeu o Prêmio Nacional de Direitos Humanos do governo brasileiro por seu trabalho pioneiro de difundir o ofício de pajé entre as mulheres, além de sua atuação como parteira e seu trabalho com a juventude. Nas palavras da Secretária Nacional de Políticas para Mulheres; "Ela é um símbolo da mulher indígena forte e atuante; tenho uma enorme admiração por seu trabalho, no cuidado com as crianças e no fortalecimento das mulheres". Em novembro de 2019, Mapulu participou como conferencista do VIII Colóquio Internacional de Filosofia Oriental da Universidade de Campinas. Como pajé, ela argumentou pela não separação entre o mundo dos

espíritos e o mundo da natureza: se a floresta for destruída, os espíritos também desaparecerão, pois elas habitam a floresta.

Após mais de três décadas da sua iniciação com o *mamaé* Anhangü, espírito tido como muito poderoso e muito temido nas aldeias do Alto Xingu, e não apenas entre os Kamayará, Mapulu experimentou há dois anos atrás uma nova iniciação. O espírito da Arraia gigante se aproximou dela e submeteu-a a um processo inteiro de renovação de seus poderes como pajé. Ela teve que se afastar inteiramente de Anhangü, desfazer-se de todos os poderes que ele lhe havia concedido nos últimos trinta anos e então receber os novos poderes da Arraia, que segundo ela são ainda mais fortes. Ela diz contar agora com habilidades que chamamos de extra-sensoriais ou paranormais renovadas e ampliadas. Para marcar essa transformação, ela mudou de nome pela terceira vez: entregou o seu nome para a primeira neta, a filha mais velha de Mapuálu, que agora se chama Mapulu Neta, e passou a chamar-se Utu, que é o nome da Arraia. Enquanto Anhangü é um *mamaé* da floresta, Utu é um *mamaé* das águas, a mãe dos peixes, que habita a Lagoa de Ipawu.

O poder de Mapulu alcança também o controle das forças da natureza. Uma reportagem de 24 de janeiro de 2011 sobre a aldeia Kamayurá feita pela TV Rede Globo mostra um dos poderes de Mapulu adquirido também do seu pai: ela aparece desviando com as mãos a tempestade que se aproxima da aldeia para proteger as malocas de serem destruídas. O poder de comunicar-se com os fenômenos naturais é exercitado por xamãs em outras partes do mundo, como no México, onde mestres equivalentes de Mapulu também controlam os ventos em torno dos vulcões próximos do Distrito Federal, como o Popocatepetl.

A primeira vez que um branco ocidental chegou ao Xingu e visitou uma aldeia Kamayurá foi em 1888, quando Karl von den Steinen fez sua primeira viagem ao Brasil Central e passou poucos dias com os indígenas do Alto. Depois dele, outros poucos viajantes passaram pela região até que a expedição Roncador-Xingu em 1941 contactou os xinguanos de um modo mais sistemático. Ainda assim, o acesso às aldeias continuou sendo extremamente difícil até os anos setenta do século passado, quando foi instalado o Posto Leonardo perto dos Kamayurá. Estamos falando então de uma região do planeta onde grupos humanos desenvolveram seus modos de vida sem nenhum contato com a chamada civilização ocidental até o início de trocas mais frequentes há apenas cinquenta anos atrás.

O avô de Takumã era também pajé, e viveu num período anterior à visita de von den Steinen. Por outro lado, Takumã já era um jovem adulto quando a expedição formadora do Parque veio para estabelecer o contato permanente. Ele foi o primeiro a trocar os presentes iniciais com os brancos; e

como foi um dos primeiros xinguanos a aprender a falar português, foi intérprete dos irmãos Villas-Boas e um negociador nos processos de pacificação que conduziram à formação da atual comunidade de nações do Alto Xingu.

Mapulu nasceu no início da consolidação do Parque, ainda em um período em que viviam com pouca influência da tecnologia e do modo de vida ocidentais. Herdou, assim, a perspectiva de vida e a visão do mundo Kamayurá que vigia desde o séc. XIX. Sua vida, nas quatro últimas décadas, foi assimilar a profundidade dos conhecimentos ancestrais xinguanos, principalmente tal como transmitido por Takumã, e paralelamente dialogar com o mundo ocidental, que foi se aproximando cada vez mais do mundo isolado da floresta onde nasceu.

Plantada na cultura milenar dos indígenas Amazônicos, ela negocia a sobrevivência do seu modo de vida indígena frente à sociedade urbana capitalista, nacional e internacional, buscando colocar limites à influência dos brancos e trazendo seus poderes como pajé para além do Parque onde mora.

A região do Xingu é preservada de igrejas cristãs, nem católicas nem protestantes, e conta com escolas primárias de educação bilíngue. Contudo, Mapulu nunca frequentou igrejas cristãs nem escolas. E é desse lugar estratégico de mulher indígena pajé amazônica, mestra de cura, parteira, feminista e líder política intercultural, que ela desenvolve sua capacidade crescente de falar para o mundo xinguno, para o mundo dos brancos brasileiros e para o mundo inteiro.

